

Simone de Beauvoir:

uma luz em nosso caminho*

Marlise Míriam de Matos Almeida**

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a **forma** que a fêmea humana **assume** no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse **produto intermediário** entre o macho e o castrado que qualificam de feminino.¹

Escritora, filósofa, mulher na vanguarda de muitas idéias e de várias atitudes: é realmente difícil definir ou delimitar a importância de Simone de Beauvoir para nós, mulheres e homens. Filha de um casal de contrastes – uma mãe fervorosamente católica e provincial e um pai cosmopolita e agnóstico –, Simone parece ter conseguido construir seu “projeto” de vida de forma profundamente (e para muitos da época, irritantemente) independente. Tantos são os livros, autores e autoras importantes em nossas vidas... mas na minha, Madame de Beauvoir encontra um lugar especial. Ainda cedo, com dezenove ou vinte anos, me deparei com aquele que seria o divisor de águas de minha própria trajetória intelectual e profissional: *O Segundo Sexo*. Obra genial que completa agora vigorosos cinquenta anos de idade, ela foi lida por mim com avidez e

* Recebido para publicação em agosto de 1999.

** Departamento de Sociologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, e pesquisadora da Universidade Federal de Minas Gerais.

¹ BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, [1949] 1980, p.9. (negritos meus)

Uma luz em nosso caminho

perplexidade numa época em que eu não podia sequer medir ou antecipar as conseqüências que viria a ter sobre meu espírito e minha mente.

Assim como eu, que o li quando o livro já comemorava trinta e quatro anos de publicação, *O Segundo Sexo* foi um livro memorável, remarcável, para várias gerações de mulheres que me antecederam e que ainda me sucedem. A própria constituição do campo de saber instituído sobre os “estudos de gênero” deve a Simone de Beauvoir boa parte de sua inspiração.²

No entanto, não pretendo aqui falar em nome dos outros (em especial das outras mulheres), mas apenas em meu próprio. Ler Simone de Beauvoir não significou um episódio a mais, simplesmente, na minha história. Sem exageros, para mim é facilmente identificável uma personalidade antes de Madame e outra depois dela. Este livro descortinou um universo de sentidos para a minha formação pessoal e acadêmica que apenas hoje sou capaz de alguma avaliação. Só a introdução desta obra nos coloca num lugar diferenciado, postula um posicionamento crítico partido da pena feminina que é suficientemente explícito em seus propósitos inaugurais e absolutamente originais:

² ROSALDO, M. & LAMPHERE, L (eds.) *Woman, Culture and Society*. Stanford, Stanford University Press, 1974. Ainda que seja necessário reconhecer, por exemplo, que o debate sobre a dominação masculina e seu caráter supostamente universal possa ser remontado ao séc. XVII. Como muito bem salienta Aguiar, “é a partir da construção de uma teoria do patriarcado na Inglaterra, França e Alemanha, por diversos defensores do sistema absolutista de governo que preconizam esta experiência como “uma forma de poder instituída por Deus aos monarcas que daí derivavam sua autoridade política, assemelhando-o à dominação do chefe de família sobre o grupo doméstico”, que a universalidade da dominação masculina torna-se quase uma lei, entrando como tema central (apesar de não ser questionado) das discussões. AGUIAR, Neuma. *Relações de Gênero: Universais e Particulares*. *Revista Teoria & Sociedade*, Departamentos de Ciência Política e de Sociologia e Antropologia da UFMG, dezembro de 1997, p.112.

As mulheres de hoje estão destronando o mito da feminilidade; começam a afirmar sua independência; mas não é sem dificuldade que conseguem viver integralmente sua condição de ser humano. Educadas por mulheres, no seio de um mundo feminino, seu destino normal é o casamento que ainda as subordina praticamente ao homem; o prestígio viril está longe de se ter apagado: assenta ainda em sólidas bases econômicas e sociais. É pois necessário estudar com cuidado o destino tradicional da mulher. Como a mulher faz o aprendizado de sua condição, como a sente, em que universo se acha encerrada, que evasões lhe são permitidas, eis o que procurarei descrever. Só então poderemos compreender que problemas se apresentam às mulheres que, herdeiras de um pesado passado, se esforçam por forjar um futuro novo. Quando emprego a palavra “mulher” ou “feminino” não me refiro evidentemente a nenhum arquétipo, a nenhuma essência imutável; após a maior parte de minhas afirmações cabe subentender: “no estado atual da educação e dos costumes”. Não se trata aqui de denunciar verdades eternas, mas de descrever o fundo comum sobre o qual se desenvolve toda existência feminina singular.³

Escrito numa época de dolorosa transição e reconstrução, no pós-guerra da Europa, o livro é um grito de libertação para todas as mulheres e também para a própria Simone. Através dele é que Beauvoir vai se afirmar, de modo definitivo, como pensadora original e testemunha crítica de sua própria época; ela desafia preconceitos e trata de forma aberta e simples temáticas tabu tais como: a sexualidade na infância, a menstruação, o erotismo, o desejo e a iniciação sexual, a religiosidade repressora, a cultura de dominância masculina e machista e a desqualificação cultural da feminilidade, o sexismo na literatura, o defloramento e

³ BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Op.cit., p.7.

Uma luz em nosso caminho

a brutalidade masculina na relação sexual, a virgindade, o orgasmo, o lesbianismo, a dominação masculina no casamento tradicional, a prostituição, a velhice, o suicídio, entre muitos outros⁴. Muitos fatores e elementos convergiram para a publicação desta obra, neste período.

Ter se enamorado e convivido com Jean Paul Sartre por mais de cinquenta anos foi uma experiência que, retrospectivamente, podemos considerar como altamente “ambígua”. Se por um lado a convivência foi crucial nos destinos da existência e também nas formas do pensar filosófico para Simone, levando-a a caminhos literários e teóricos que culminaram na criação conjunta da corrente do existencialismo (e a própria autora gostava de definir o “existencialismo” como a filosofia da ambigüidade); por outro, a parceria lhe rendeu dificuldades no reconhecimento público de um pensamento forte, próprio e independente. Apenas recentemente começou-se a tentar identificar a real originalidade da contribuição de Simone de Beauvoir para a filosofia moderna e também para o feminismo.

Formada nos cânones tradicionais da literatura e da filosofia de sua época, o encaminhamento para a escritura ficcional foi quase “natural”: são tantos os ensaios e novelas que estes chegaram a cunhar uma espécie de especialidade dentro da ficção – a literatura existencialista: desde o inaugural *Ela veio para ficar* (1943), passando por inúmeras outras obras – *O Sangue dos*

⁴ Veja neste sentido a afirmação de Beauvoir: “Nenhuma educação pode impedir que a menina de tomar consciência de seu corpo e de sonhar com seu destino; quando muito poderão impor-lhe estritos recalques que pesarão mais tarde sobre toda a sua vida sexual. Fora desejável, isso sim, que lhe ensinassem ao contrário a aceitar-se sem complacência nem vergonha” (Id., ib., p.65), ou ainda nesta outra afirmação contundente: “Assim, o trabalho que a mulher executa no interior do lar não lhe confere autonomia; não é diretamente útil à coletividade, não desemboca no futuro, não produz nada. Só adquire seu sentido e sua dignidade se é integrada a existências que se ultrapassam para a sociedade, na produção ou na ação: isto significa que longe de libertar a matrona, ele a coloca na dependência dos maridos e dos filhos; é através dele que ela se justifica: em suas vidas ela é apenas uma mediação inessencial”. (Id., ib., p.209.)

Outros (1944), *Todos os homens são mortais* (1946), *Os Mandarins* (1954), *Memórias de uma moça bem comportada* (1959), *Tudo o que foi dito e feito* (1972), *A Força da Idade* (1970), *A Velhice* (1972) – para citar apenas algumas, a obra e a vida de Simone se confundem, entremeiam e se fecundam, nos oferecendo chaves preciosas rumo ao conhecimento de nós mesmos.

Um dos muitos méritos de Simone de Beauvoir com a obra que destacarei mais a seguir – *O Segundo Sexo* – foi traduzir para uma linguagem comum, plenamente acessível, simples e com exemplos abundantes, os avanços da literatura, da psicologia e sobretudo da psicanálise sobre a condição feminina. A autora reescreve assim os próprios limites da teoria social e filosófica, quase que obrigando a estes campos ao frutífero debate com outras áreas, onde o conhecimento caminhava mais rapidamente no sentido da emancipação para a condição feminina.

Alguns críticos tendem a analisar que a sua escolha por uma carreira acadêmica – como professora e escritora – deveu-se às muitas dificuldades que assistiu sua família (em especial a sua mãe) passar durante a Primeira Guerra Mundial. Se as vicissitudes das tarefas domésticas desempenhadas pela figura materna num período sombrio financeiramente desempenharam papel na “escolha” de Beauvoir em não se tornar a “dona de casa” tradicional e a “mãe devotada”, este não foi o único vetor determinante de suas decisões polêmicas para aquela época (sobretudo não se casar formalmente e também decidir optar pela não maternidade). O pensamento vigoroso e inquieto, a não acomodação, a insatisfação, a capacidade de recusa e a coragem certamente são ingredientes igualmente fundamentais para entendermos a mulher que Beauvoir veio a “tornar-se”.

Judith Butler, no artigo “Variações sobre Sexo e Gênero – Beauvoir, Wittig e Foucault”, denuncia uma outra ordem de “ambigüidade consequencial”⁵ para a posição defendida no

⁵ BUTLER, Judith. Variações sobre Sexo e Gênero – Beauvoir, Wittig e Foucault. In: BENHABIB, Seyla & CORNELL, Drucilla. *Feminismo como Crítica da Modernidade* Rio de Janeiro, Ed. Rosa dos Tempos, 1987, p.139.

Uma luz em nosso caminho

Segundo Sexo. De acordo com a análise de Butler, para Beauvoir os gêneros seriam ao mesmo tempo “escolhidos” e “construídos culturalmente”; e estas duas posições seriam contraditórias/ambíguas na medida em que, no seu entrecruzamento, o gênero passaria a ser o “lugar dos significados culturais tanto recebidos quanto inovados”⁶ que concebem o corpo (e seu sexo) como um lugar cultural de significados de gênero. O “enigma ontológico” suscitado pela *escolha* de nossos gêneros, na opinião de Butler, precisaria ser melhor elucidado.

Tudo bem. Cabe destacar, no entanto que à década de 40 na Europa, o debate entre posições *essencialistas* ou *construtivistas* com relação à dimensão de gênero, definitivamente não estava colocada (aspecto este que Butler não ressalta). Tal debate se organizará e consolidará mais tarde, e sobretudo, fora do ambiente europeu, como todos sabemos, quando Money⁷ propõe o conceito de “papéis de gênero”, quando Stoller⁸ realiza suas investigações com meninos e meninas com criados, aculturados para viverem a experiência do gênero como diferenciada daquela de seus sexos biológicos; mas e sobretudo quando Rubin⁹ cunha a distinção dos “sistema sexo/gênero” e Scott¹⁰ elabora definitivamente a noção do gênero como “um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos”, sendo sobretudo uma “forma primeira de significar as relações de poder”.¹¹

⁶ Id., ib., p.140.

⁷ MONEY, J. Gender Role, Gender Identity, Core Gender Identity: usage and definitions of terms. *Journal of the American Academy of Psychoanalysis*, vol. 1, nº 4, [1955] 1973.

⁸ STOLLER, R. J. Sex and Gender. *Science House*, vol.1, New York, 1968.

⁹ RUBIN, Gayle. The Traffic in Women. In: REITER, R. (ed.) *Toward na Anthropology of Women*. Nova York, Monthly Review Press, 1975.

¹⁰ SCOTT, Joan. Gender: Useful Category of Historical Analysis. *American Historical Review*, 91, December, 1989.

¹¹ Id., ib., p.14.

Portanto, cabe dar destaque aqui que a posição defendida por Beauvoir no momento preciso em que ela se coloca, além de totalmente original, antecipa o percurso que boa parte do feminismo e dos estudos de gênero, em momentos posteriores, saberá bastante bem explorar. Inclusive Beauvoir toca, inúmeras vezes, no tema da *dominação masculina*, tão em voga nos escritos de gênero na atualidade. Este é o pano de fundo, o contexto mais amplo onde os gêneros construídos negociam suas possibilidades futuras e assumem projetos existenciais possíveis. Além da família, *locus* inicial da reprodução deste tipo de dominação, ela também descreve outros campos onde esta dominação é perpetuada – na cultura histórica, literária, nas canções, lendas, literatura infantil, mitologia, contos e narrativas, na religião etc.:

Quanto mais a criança cresce, mais o universo se amplia e mais a superioridade masculina se afirma (...). A hierarquia dos sexos manifesta-se a ela [à menina] primeiramente na experiência familiar; compreende pouco a pouco que, se a autoridade do pai não é a que se faz sentir mais cotidianamente, é entretanto a mais soberana; reveste-se ainda mais de brilho pelo fato de não ser vulgarizada (...). A vida do pai é cercada de um prestígio misterioso: as horas que passa em casa, o cômodo em que trabalha, os objetos que o cercam, suas ocupações e manias têm caráter sagrado. Ele é quem alimenta a família, é o responsável e o chefe. Habitualmente trabalha fora e é através dele que a casa se comunica com o resto do mundo: ele é a encarnação desse mundo aventureiro, imenso, difícil, maravilhoso; ele é a transcendência, ele é Deus.¹²

Neste sentido, a posição avançada por Simone de Beauvoir é substancialmente significativa e, com efeito, não poderia deixar de ser destacada também por Butler:

¹² BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Op.cit., pp.28-29.

Uma luz em nosso caminho

Não é possível assumir um **gênero** de um momento para o outro. Trata-se de um **projeto laborioso, sutil e estratégico, e quase sempre velado**. Tornar-se um gênero é um processo impulsivo, embora cauteloso, de interpretar uma realidade de plenas sanções, tabus e prescrições. A escolha de **assumir certo tipo de corpo, viver ou usar o corpo de certo modo que as reproduzam e organizem de novo**. Menos um ato radical de criação, o gênero é interpretar normas de gênero recebidas de um modo que as reproduzam e organizem de novo. Menos um ato radical de criação, o gênero é um projeto tácito para renovar a história cultural nas nossas próprias condições corpóreas. Não é uma tarefa prescritiva de que devamos nos esforçar para fazer, mas aquela em que estamos nos esforçando sempre, desde o começo.¹³

Beauvoir, além de antecipar posição inédita com relação à definição cultural do gênero ainda desnaturalizará a noção de corpo (como podemos ver pela descrição de Butler), colocando-o também como uma “situação” cultural: lugar de interpretações culturais e contextualizações sociais e, ao mesmo tempo, lugar de interpretar e transformar o que por nós é recebido. Aqui, sem dúvida, Beauvoir entrecruza os caminhos opostos da opressão e do projeto de emancipação para as mulheres. E este é sem dúvida nenhuma mais um dos muitos méritos de sua contribuição para os estudos de gênero: o corpo pensado como campo de possibilidades produz este efeito de desnaturalização, ao mesmo tempo tão desejado quanto sofrido. Beauvoir estica os limites de seu construcionismo para as fronteiras corporais, entendidas radicalmente longe da função anatômica, e intimamente próxima da dimensão da escolha. E neste caminho também opera uma outra desnaturalização fundamental: a da maternidade, colocando-a em cheque, dando destaque – mais uma vez de forma inovadora – ao controle da natalidade e ainda se propondo

¹³ BUTLER, Judith. Variações sobre Sexo e Gênero... Op.cit., p.143. (negritos meus)

a enfrentar a questão (até hoje) espinhosa do aborto, colocando-se como frontalmente sua defensora. Segundo Beauvoir “o *birth-control* e o aborto legal permitiriam à mulher assumir livremente suas maternidades”¹⁴ e além do mais seria uma “mistificação sustentar que a mulher se torna, pela maternidade, a igual concreta do homem”.¹⁵ Ela ainda desmonta dois outros grandes preconceitos que cercariam a posição feminina: o de que a realização da maternidade bastaria para satisfazer e tornar feliz a mulher e a de que todo filho encontraria felicidade segura nos braços maternos.

Neste sentido para Beauvoir “a situação não depende do corpo, este é que depende dela” ou ainda

o corpo da mulher é um dos elementos essenciais em sua situação no mundo. Mas o corpo não é suficiente para defini-la como mulher; não há absolutamente verdadeira realidade viva a menos que manifestada pelo indivíduo consciente através de atividades no seio da sociedade.¹⁶

Contudo a tensão entre a naturalização ou desnaturalização do corpo não aparece como totalmente decidida para Beauvoir, como parece estar tão claro a Butler. A autora também se indaga sobre como “é difícil afirmar em que medida a constituição física da mulher representa em si um *handicap*”.¹⁷

Beauvoir, tendo sido pioneira na postulação do construtivismo de gênero, organiza um campo de forças que a tradição francesa e anglo-saxã, posterior a ela, se incumbirá de reescrever. Autoras francesas como Montrelay e Irigaray¹⁸

¹⁴ BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Op.cit., pp.257.

¹⁵ Id., ib., p.293.

¹⁶ Id., ib., p.466.

¹⁷ Id., ib.

¹⁸ MONTRELAY, M. *L' Ombre et le Nom*. Paris, Les Éditions de Minuit, 1977.
IRIGARAY, Luce. *Speculum, De L'autre Femme*. Paris, Les Éditions de Minuit,

Uma luz em nosso caminho

claramente se opõem ao construcionismo de Beauvoir, em um período pós-laciano na psicanálise, ao tentar o resgate de uma especificidade feminina, onde a diferença sexual pudesse ser percebida como radicalmente essencialista. E autoras inglesas e americanas como Juliet Mitchell, Dorothy Dinnerstein e Nancy Chodorow¹⁹ tentaram com muito afinco redescrever os processos da dinâmica social e cultural (especialmente através da adoção de teorias das relações de objeto da psicanálise) de construção das diferenças sexuais.

Em outro trabalho²⁰ procurei descrever estas tradições como constituindo duas outras posições já clássicas para a teoria feminista: a posição teórica da afirmação essencialista das diferenças, presentificada pelas escritoras mais recentes na França, teriam desembocado numa espécie de “feminismo da diferença”; e, em contrapartida, a tradição anglo-saxã, que reafirmava o construcionismo de gênero, reivindicava concomitantemente uma postura que designei àquela época por “feminismo da igualdade”.

1974; *Ce Sexe N'en Est Pas Un*. Paris, Les Éditions de Minuit, 1977; *L'Étique de La Différence Sexuelle*. Paris, Les Éditions de Minuit, 1984.

¹⁹ MITCHELL, J. *Psychoanalysis and Feminism*. Harmondsworth, Penguin Books, 1975; *Women: the longest Revolution on Feminism, Literature and Psychoanalysis*. New York, Pantheon, 1984; *Psicanálise da Sexualidade Feminina*. Rio de Janeiro, Ed. Campus, 1988. DINNERSTEIN, Dorothy. *The Mermaid and the Minotaur*. Paris, Editions de Minuit, 1976; *A Obra do Berço*, 1978. CHODOROW, Nancy. *Psicanálise da Maternidade: uma crítica a Freud a partir da mulher*. Rio de Janeiro, Ed. Rosa dos Tempos, 1978; *Feminism and Psychoanalytic Theory*. New Haven e London, Yale University Press, 1989.

²⁰ Ver ALMEIDA, Marlise Míriam de Matos. Reinvenções dos vínculos amorosos: cultura e identidade de gênero na modernidade tardia. Tese de Doutorado em Sociologia, IUPERJ, 1998, apêndice 2: Relações de gênero e psicanálise: teoria psicanalítica, feminismo e outras possibilidades de articulações teóricas psicanalíticas de gênero – uma revisão. Neste procuro demonstrar a partir do pioneirismo de Chasseguet-Smirgel e Mitchell, como foram construídas as articulações entre o discurso da psicanálise e do feminismo, passando pelas articulações da Teoria das Relações de Objeto, pelo feminismo pós-laciano, pelo feminismo pós-moderno e também pelas articulações que retornam a uma leitura energética do modelo freudiano.

A própria Simone, mais uma vez de forma inauguradora, também antecipou estes mesmos desdobramentos como podemos perceber à conclusão deste seu trabalho seminal:

Primeiramente, haverá sempre certas diferenças entre homem e mulher; tendo seu erotismo, logo seu mundo sexual, uma figura singular, nada poderá deixar de engendrar nela uma sensualidade, uma sensibilidade singular: suas relações com seu corpo, o corpo do homem, o filho, nunca serão idênticas às que o homem mantém como o seu corpo, o corpo feminino, o filho; **os que tanto falam de “igualdade na diferença” mostrar-se-iam de má-fé em não admitir que possam existir diferenças na igualdade.** (...) Libertar a mulher é recusar encerrá-la nas relações que mantém com o homem, mas não as negar; ainda que ela se ponha para si, não deixará de existir também para ele: reconhecendo-se mutuamente como sujeito, cada um permanecerá entretanto um outro para o outro; a reciprocidade de suas relações não suprimirá os milagres que engendra a divisão dos seres humanos em duas categorias separadas: o desejo, a posse, o amor, o sonho, a aventura; e as palavras que nos comovem: dar, conquistar, unir-se conservarão seus sentidos. Ao contrário, é quando for abolida a escravidão de uma metade da humanidade e todo o sistema de hipocrisia que implica, que a “seção” da humanidade revelará sua significação autêntica e que o casal humano encontrará sua forma verdadeira.²¹

Desta forma, Beauvoir também pode ser responsabilizada, ao se indagar se o sexo não seria gênero desde sempre, por promover a fertilidade de um campo de saber que multiplicou suas forças para tentar responder à pergunta clássica enunciada por Freud: o que quer uma mulher? Ao perceber, nas suas muitas nuances, a possibilidade de haver “igualdade na diferença” e

²¹ BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Op.cit., p.500. (negritos meus)

Uma luz em nosso caminho

também “diferenças na igualdade” Beauvoir antecipa, mais uma vez, o encaminhamento já hoje dado (mas nem sempre tão facilmente aceito e/ou refletido no seio das políticas feministas) por Boaventura de Santos Souza que resumiu: “Temos o direito de ser iguais sempre que as diferenças nos inferiorizam, temos o direito de ser diferentes sempre que a igualdade nos descaracteriza”.²² Assim, para este autor não há nada mais errôneo do que afirmar a transformação das mulheres em vítimas “abstratas e irrecuperáveis nas teias que a dominação sexual e a dominação de classe entre si tecem”.²³ Cabe ao movimento feminista (seja este autônomo ou ligado a outros movimentos populares), juntamente com o movimento de trabalhadores e, mais recentemente, o movimento ecológico reconstruir ativamente a participação humana democrática, a tolerância e a fraternidade entre as diferenças em prol do objetivo comum de igualdade numa forma de cidadania o amplamente incluyente possível.

²² SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela Mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo, Ed. Cortez, 1995, p.276.

²³ Id., ib., p.306.